

Os trapos

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Do lado de fora da fábrica havia altas pilhas de trapos, recolhidos por toda parte; cada trapo tinha sua história, cada um fazia seu discurso, mas não se pode ouvir tudo. Alguns trapos eram do país, outros vinham de terras estrangeiras. Ali estava um trapo dinamarquês junto de um trapo norueguês; um era dinamarquês da gema, o outro, norueguês até a medula, e nisso estava a graça dos dois, dirá todo norueguês e dinamarquês sensato.

Reconheceram-se pela língua, embora cada uma delas, dizia o norueguês, fosse tão diferente da outra quanto o francês do hebraico.

— Nós vamos às serras buscar o que é bruto e original, enquanto o dinamarquês prepara sua conversa de Bragi, insossa e açucarada.

Os trapos falavam, e trapo é trapo em qualquer país; só têm algum valor na pilha de trapos.

— Sou norueguês! — disse o norueguês. — E, quando digo que sou norueguês, creio ter dito o bastante! Minhas fibras são firmes como as montanhas primitivas da velha Noruega, o país que tem uma Constituição como a livre América! Sinto cócegas nas fibras ao pensar no que sou e deixar que o pensamento ressoe como metal em palavras de granito!

— Mas nós temos uma literatura! — disse o trapo dinamarquês. — O senhor compreende o que é isso?

— Compreendo! — repetiu o norueguês. — Habitante das terras planas, hei de erguê-lo às montanhas e iluminá-lo com a aurora boreal, trapo que é! Quando o gelo derrete ao sol norueguês, chegam até nós barquinhos dinamarqueses de carga com manteiga e queijo, mercadorias bem comestíveis! E, como lastro, vem a literatura dinamarquesa. Não precisamos dela! Prefere-se dispensar a cerveja choca onde jorra a fonte fresca, e aqui se trata de um poço que não foi perfurado, cuja fama não foi apregoada pela Europa afora por jornais, camaradagens e viagens de escritores ao estrangeiro. Falo livremente, a plenos pulmões, e o dinamarquês terá de se acostumar ao som da liberdade, e assim fará, no seu apego escandinavo à nossa orgulhosa terra de rochedos, rocha primordial do mundo!

— Pois um trapo dinamarquês jamais poderia falar assim! — disse o dinamarquês. — Não é da nossa natureza. Conheço a mim mesmo, e todos os nossos trapos são como eu: somos tão bondosos, tão modestos, temos pouca consideração por nós mesmos, e com isso, é verdade, não se ganha nada, mas eu gosto tanto disso, acho tão encantador! Aliás, posso garantir-lhe que conheço perfeitamente a minha própria boa qualidade, mas não falo dela; ninguém poderá acusar-me de semelhante defeito. Sou macio e flexível, suporto tudo, não invejo ninguém, falo bem de todos, embora não haja muito de bom a dizer da maioria dos outros; mas isso é lá com eles! Eu sempre faço troça disso, pois sou tão talentoso!

— Não me venha com essa língua mole e pegajosa das terras planas, que me dá náuseas! — disse o norueguês, e o vento o ergueu da pilha e o levou para outra.

Os dois viraram papel, e o acaso quis que o trapo norueguês se tornasse uma folha em que um norueguês escreveu uma fiel carta de amor a uma moça

dinamarquesa, enquanto o trapo dinamarquês se tornou o manuscrito de uma ode dinamarquesa em louvor da força e da glória da Noruega.

Também dos trapos pode sair alguma coisa boa, uma vez que estejam na pilha de trapos e tenham ocorrido transformações em verdade e beleza; eles brilham na boa compreensão mútua, e nela há bênção.

Esta é a história; ela é bem divertida e não ofende absolutamente ninguém, a não ser — os trapos.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-trapos>